

Futebol sempre menosprezado

Olímpicos de SEGUNDA

O futebol olímpico é uma espécie de Mundial a que poucos ligam; o Brasil e a Alemanha nunca venceram, e Portugal vai só na quarta participação. Porém, foi graças aos heróis de 1928 que o futebol nacional começou a ganhar identidade

Assinalam-se em 2016 88 anos desde a primeira participação do futebol português nos Jogos Olímpicos. Num espaço de 88 anos, Portugal registará no Rio de Janeiro apenas a sua quarta participação. Algo estranho, num país que vive e respira futebol, que alimenta discussões sem fim sobre a modalidade e os seus intérpretes, e que tem, na sua história, alguns dos melhores futebolistas mundiais de sempre, como Eusébio, Luís Figo ou Cristiano Ronaldo.

Como explicar esta situação, num ano em que a seleção olímpica portuguesa até poderia ser olhada como favorita a uma medalha? Como explicar que o Brasil, país de futebol, com cinco títulos de campeão mundial, e que recebe os Jogos em agosto, nunca tenha sido campeão olímpico na modalidade? Na tentativa de responder a estas questões, o que se segue é uma viagem à história do futebol olímpico, uma modalidade tão forte que questionou os próprios princípios de amadorismo dos Jogos.

HERÓIS DE AMESTERDÃO

Começemos pelos nossos heróis. Pelos primeiros. A seleção de 1928, sempre referida, nunca esquecida, é lendária por diversas razões. Primeiro, porque esteve à beira de uma medalha (7.º lugar final) na sua primeira participação; depois, porque a seguir o futebol português conheceu um vazio imenso em termos de bons resultados internacionais, só recuperando a sua autoestima no Mundial de 1966; mas talvez sobretudo porque os doze heróis de 1928 per-

sonalizaram o acordar de uma modalidade que estava no coração dos portugueses.

Recuemos a essas primeiras décadas do século XX: após a Primeira Guerra Mundial, há necessidade, por parte dos diversos estados, de aproveitar o fenómeno desportivo para mostrar a sua força, e o futebol, com uma linguagem muitas vezes de cariz militar, era um instrumento perfeito. Em Portugal, a seleção fez o seu primeiro jogo internacional apenas três anos após o final da guerra: frente à Espanha, perdeu em Madrid por 3-1. Seguiram-se mais três jogos, e mais três derrotas, sempre frente à implacável Espanha. Só em 1925, finalmente, a vitória sorriu às cores nacionais: 1-0 perante a Itália, em Lisboa. Foi tão significativo que o selecionador receberia uma medalha comemorativa, entregue pelo jornal Os Sports.

O futebol português desabrochava – em 1927, Portugal venceu a França (4-0), e no início do ano seguinte, pela primeira vez, não perdeu com a Espanha (2-2). O orgulho nacional estava em alta. O empate com a Espanha foi festejado como se de uma vitória se tratasse, e até o chefe de estado, Óscar Carmona, recebeu os jogadores no seu camarote para os saudar.

Foi a partir daqui que começou a equacionar-se a participação olímpica. Novos resultados positivos em jogos internacionais geraram um clima de euforia e orgulho patriótico à volta da seleção, exatamente no mesmo período da proclamação de Óscar Carmona como chefe de estado e da nomeação de Salazar como ministro das Finanças. Era, pois, este peso representativo

que a seleção de futebol carregava para os Jogos Olímpicos de Amesterdão.

Apesar do “peso”, o estado não financiou a participação, devido à difícil realidade política, económica e social do país. Porém, perante o convite da organização para a participação portuguesa, lá se conseguiram as condições necessárias, e a comitiva embarcou no Sud Express, na Estação do Rossio, a 21 de maio de 1928, rumo a Paris. Com os jogadores, a equipa técnica e os diretores, viajou também a atriz Laura Costa, que cantou e se tornou a mascote da comitiva. Foram precisas 30 horas para chegar a Paris, e daí mais nove horas de comboio até Amesterdão.

ORGULHO

A participação portuguesa haveria de se tornar lendária, pelas razões já descritas, mas também por incidências de que falaremos a seguir. Em primeiro lugar, porque foi necessária uma pré-eliminatória, algo tão arriscado que poderia colocar Portugal fora dos Jogos mesmo antes de o torneio propriamente dito ter início. Frente ao Chile, as coisas começaram tão mal que aos 11 minutos Portugal já perdia por 2-0... Estava com um pé no comboio para voltar para casa (ainda por cima, Armando Martins, interior esquerdo do Vitória de Setúbal, lesionou-se, e não havia substituições), mas Vítor Silva e Pepe empataram ainda na primeira parte, e na segunda novo golo de Pepe e outro de Waldeimar Mota alimentaram o orgulho nacional. Era a primeira vitória de Portugal no estrangeiro!

Os heróis de 1928. Uma das formações que Portugal levou ao torneio olímpico de Amesterdão (Países Baixos), em 1928. No conjunto, a equipa tinha apenas doze jogadores (mas levava uma atriz).



Nos oitavos-de-final, num jogo extraordinário ante a Jugoslávia, um golo de Augusto Silva, ao cair do pano, deu a vitória (2-1) a Portugal, e as medalhas pareciam cada vez mais próximas. Seguiu-se o desconhecido Egito, tão desconhecido que se notava uma certa sobrançeria lusitana; em dois contra-ataques, os africanos marcaram, e o golo de Vítor Silva já não chegou para evitar o final da caminhada portuguesa. Apesar disso, o futebol português estava de peito cheio. Na primeira participação olímpica, uns animadores quartos-de-final. Na altura, o torneio olímpico era uma espécie de mundial de futebol, pois este, em moldes parecidos aos que conhecemos hoje, apenas surgiria dois anos depois.

Por essa razão, o regresso foi em glória: de comboio, conheceu várias manifestações populares, em todas as estações onde parou, desde Vilar Formoso até Lisboa; na estação do Rossio, na capital, a seleção foi glorificada por dezenas de milhares de pessoas, num cortejo que incluiu a Câmara Municipal de Lisboa, a Praça Luís de Camões e a sede da Associação de Futebol de Lisboa; tudo isto a 10 de junho, o dia nacional...

A LENDA DE PEPE

Para a história, a seleção olímpica de 1928 ficou como aquela que abriu o mundo ao futebol português. Todos os jogadores que atuaram, e foram doze, se tornaram heróis, mas acima de todos talvez tenham ficado José Manuel Soares (Pepe), extremo direito do Belenenses, não só pela sua genialidade e por ser um dos mais



O caso das Fiji

Uma das curiosidades do torneio de 2016 será a participação, inédita, da seleção de futebol das Ilhas Fiji. No lugar 186 do ranking da FIFA, o futebol das Fiji será, inevitavelmente, uma atração no Brasil, mas esta é uma daquelas situações só possíveis graças a um incidente inesperado, e num torneio como o dos Jogos Olímpicos, que ao ser menosprezado pela FIFA abre espaço para os mais fracos. Como conseguiram as Fiji assegurar a presença? De forma dramática, ao vencerem o torneio pré-olímpico

Poderão as Ilhas Fiji, com menos de um milhão de habitantes, ser a Islândia do Rio?

da Oceania. Primeiro, porque a favorita Nova Zelândia foi desclassificada pela utilização irregular de um jogador, o que levou ao apuramento de Vanuatu para a final. As Fiji, por sua vez, venceram a Papuásia-Nova Guiné, assegurando também a presença na final. Neste jogo, completamente imprevisível, entre Fiji e Vanuatu, tudo se decidiu no desempate por penáltis, com vantagem para os primeiros. No Brasil, veja-se bem, as Fiji foram incluídas no Grupo C, com Alemanha, Coreia do Sul e México...

► O Mundial da FIFA atirou o torneio olímpico para segundo plano

novos do grupo, mas também pela forma trágica como morreria, três anos depois, com apenas 23 anos.

Ao que se conta, terá sido involuntariamente envenenado pela mãe, que terá trocado bicarbonato de sódio, que se usava para acelerar a cozedura, por potassa, um hidróxido cáustico, usado para aplicações industriais, que não pode ser ingerido. Para o emprego (era torneiro mecânico no Centro de Aviação Naval do Bom Sucesso), Pepe costumava levar umas sandes de chouriço que sobrara do dia anterior; ao lanche, partilhou a sandes com o gato mascote do sítio onde trabalhava, e o animal foi o primeiro a falecer; seguiu-se Pepe, horas depois de ter dado entrada no hospital, falecendo com hemorragias; a mãe, a irmã e o irmão também foram parar ao hospital, mas sobreviveram, porque teriam ingerido menores quantidades de chouriço; o pai, que nada comera, não teve qualquer problema.

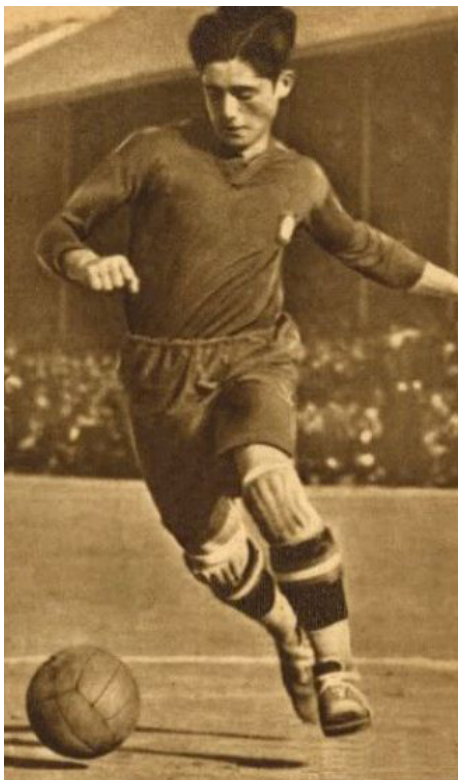
Cerca de 30 mil pessoas compareceram ao funeral. Pepe apenas representou o Belenenses, tendo-lhe sido erigido um mausoléu nas Salésias, entretanto transferido para o Restelo; todos os anos, quando ali joga para o campeonato, a equipa do FC Porto deposita uma coroa de flores no mausoléu, ao que se sabe apenas pelo afeto e pelas boas relações de sempre entre os dois clubes.

A equipa orientada pelo também histórico Cândido de Oliveira tinha, além de Pepe, outros grandes nomes do futebol português. Ao todo, em Amesterdão, atuaram doze jogadores: António Roquete (Casa Pia), Carlos Alves (Carcavelinhos), Jorge Vieira (Sporting), Tamaqueiro (Benfica), Augusto Silva e César Matos (Belenenses), Valdemar Mota (FC Porto), Pepe (Belenenses), Vítor Silva (Benfica), Armando Martins e João dos Santos (Vitória de Setúbal) e José Manuel Martins (Sporting).

PROFISSIONAIS E AMADORES

Apesar de tantos festejos em 1928, o futebol português só regressaria aos Jogos Olímpicos... 68 anos depois! Foi em 1996, em Atlanta, numa participação que haveria de suplantar o resultado de Amesterdão. Como explicar esta travessia do deserto?

Por um lado, pela conjuntura internacional. Em 1930, a FIFA organizou o primeiro campeonato mundial de futebol, relegando para segundo plano o torneio olímpico. A prova da FIFA passaria a ser para profissionais, e a dos



Tragédia em família. A morte súbita de Pepe, aos 23 anos, em 1931, consternou os portugueses. Foi involuntariamente envenenado pela mãe, que também teve de ser internada, assim como os seus dois irmãos. O funeral atraiu mais de 30 mil pessoas. Sempre que joga no Restelo, o FC Porto deposita uma coroa de flores no mausoléu que lhe foi dedicado pelo Belenenses, a única equipa por que alinhou.

Jogos, respeitando os princípios olímpicos, para os amadores. Para trás, ficava uma lista significativa de campeões: o Reino Unido, primeiro, em 1900, proeza que repetiria em 1908 e 1912 (então, as participações eram por convite feito pelo Comité Olímpico Internacional); e ainda o Canadá (1904), a Bélgica (1920) e o Uruguai (1924 e 1928).

Refira-se que nos Jogos de 1900 e 1904 o torneio de futebol foi apenas de exibição, só se tornando oficial a partir de 1908 (segunda modalidade coletiva a ser integrada nos Jogos, depois do pólo aquático). Por essa razão, regista-se em 1908 o primeiro gol num jogo de futebol do torneio olímpico: do dinamarquês Nils Middelboe, frente à França.

Assim, quatro anos depois de Amesterdão, o futebol não entrou na lista das modalidades olímpicas. Por um lado, o Comité Olímpico não sabia ainda muito bem como aplicar os conceitos de amadorismo; por outro, sendo os Jogos em Los Angeles, faltava interesse, pois a modalidade era praticamente desconhecida nos Estados Unidos. Assim, só voltou em 1936, em Berlim, há quem diga que por imposição de Adolf Hitler!

Contudo, o COI apertava a fiscalização em relação ao amadorismo para os Jogos, numa altura em que o futebol era cada vez mais pro-



fissional. Por isso, em Berlim não figuraram os melhores jogadores da altura: o Brasil não dava importância ao acontecimento, o Uruguai, bicampeão olímpico, não participou, a Espanha de Ricardo Zamora também não... A exceção foi a Itália, que tinha sido campeã mundial em 1934. Mesmo sem dez desses campeões, e apesar de muitas dificuldades, os transalpinos haveriam de chegar ao título olímpico, com destaque para o goleador Annibale Frossi, que jogava de óculos, pois sofria de acentuada miopia desde criança. Foi o primeiro jogador a ter permissão para jogar assim.

Em consequência da Segunda Guerra Mundial, os Jogos Olímpicos conheceram num interregno de 12 anos, voltando apenas em 1948, em Londres. Nesta altura, o futebol era cada vez mais caracterizado pelo profissionalismo, o que o afastava do espírito olímpico tão defendido por Pierre de Coubertin. Assim, eram cada vez menos as seleções e os jogadores de topo que podiam participar nos Jogos, levando a que o torneio perdesse interesse.

VENTOS DE LESTE

Perante a oportunidade de apresentar atletas amadores, o torneio de futebol depressa começou a inclinar-se para o leste europeu, onde não existia o estatuto de futebolista

profissional. Assim, os países de leste podiam fazer-se representar pelos seus melhores executantes. O primeiro sinal disso aconteceu em Helsínquia 1952, onde apareceu uma das mais lendárias seleções da história do futebol, a Hungria de Kocsis, Czibor, Hidegkuti ou Puskas; os magiares haveriam de sagrar-se campeões olímpicos, num torneio que já teve a honra de incluir as novidades União Soviética e Brasil, estes últimos ainda a recuperar do choque de terem perdido, em casa, o Mundial de 1950 para o Uruguai.

Pela primeira vez, o Brasil envergou a camisola amarela (a canarinha), substituindo a azarada branca de 1950, e, embora com uma equipa de jogadores amadores, os brasileiros conseguiram chegar aos quartos-de-final, em que foram derrotados pela então República Federal Alemã.

O tempo, olímpico neste caso, era, porém, dos países de leste: sucessivamente, depois da Hungria em 1952, sagraram-se campeões olímpicos de futebol as seleções da União Soviética (1956 e 1988), da Jugoslávia (1960), da Hungria (1964 e 1968), da Polónia (1972), da República Democrática Alemã (1976) e da Checoslováquia (1980). A Hungria ainda é hoje a seleção mais bem sucedida na história do torneio olímpico de futebol: medalha de ouro em 1952, 1964 e 1968,

de prata em 1972 e de bronze em 1960! Foi também neste período que se verificou o *record* de assistência num jogo do torneio olímpico de futebol: 105 mil pessoas no Estádio Azteca, da Cidade do México, para assistirem ao México-Japão, para definir o terceiro lugar no torneio dos Jogos de 1968.

O primeiro país do bloco ocidental a quebrar a hegemonia de leste foi a França, em 1984 (Los Angeles). Não foi por acaso: para estes Jogos, o Comité Olímpico Internacional tomou uma decisão para aumentar o interesse no torneio, permitindo a inclusão de jogadores profissionais. Com condições, em acordo com a FIFA (que não queria que o torneio olímpico rivalizasse com o Mundial): podiam ir às olimpíadas jogadores que não tivessem participado num campeonato do mundo.

Assim, as principais potências do futebol, com presenças nos Mundiais, levaram jogadores mais jovens, embora profissionais... Foi o suficiente para a França se sagrar campeã olímpica! A União Soviética ainda haveria de vencer em 1988, mas a maré mudara claramente.

Apartir de 1992, foram aplicadas novas regras: permissão para jogadores com menos de 23 anos, podendo ainda ser incluídos três elementos de qualquer idade. Não mais se colocou a

Torneio feminino: só 100 anos depois!

O torneio de futebol feminino dos Jogos Olímpicos tem uma história completamente diferente do masculino. Se neste caso sempre existiu a preocupação da FIFA em relegá-lo para um plano secundário, para não fazer sombra ao Mundial, no caso das mulheres isso não aconteceu: não tendo o Mundial o mesmo impacto mediático, a concorrência nas olimpíadas não foi vista como um perigo mas antes como uma forma de promoção: assim, podem participar as seleções principais, sem limitações, e os resultados contam para o *ranking* da FIFA. Acrescente-se, contudo, que o torneio feminino nos Jogos é recente, tendo-se iniciado apenas em 1996, cem anos após a primeira olimpíada da era moderna! Aliás, o próprio Mundial feminino, organizado pela FIFA, teve a sua primeira edição apenas em 1991... Em apenas cinco edições, o domínio tem sido dos Estados Unidos, que venceram quatro delas, sendo a única exceção a de 2000, com triunfo da Noruega. Portugal, no 41.º lugar do *ranking* da FIFA, nunca conseguiu o apuramento para o torneio.

questão do amadorismo, e as regras passaram a ser iguais para todos. A situação foi muito bem aproveitada por alguns países africanos, e Nigéria e Camarões venceram em 1996 e 2000, respetivamente. As grandes potências é que nunca apostaram a sério no torneio, e o Brasil, por exemplo, nunca foi campeão olímpico. Parecia inevitável em Londres 2012, mas os canarinhos deixaram-se surpreender pelo México, na final... Seja como for, em Londres havia algumas grandes vedetas do futebol, como Neymar, por exemplo, e foi neste torneio que se bateu o *record* de assistência, com um total de dois milhões e 186 mil pessoas...

ACORDAR NOS ANOS 80

A ausência do futebol português no torneio dos Jogos Olímpicos, durante mais de 60 anos, não se explica, contudo, apenas pela conjuntura internacional. Na verdade, a ausência em grandes competições, fosse nos Jogos Olímpicos, no Mundial ou no Europeu, foi uma realidade com que o futebol nacional se confrontou durante décadas. É preciso ver que só em 1966 Portugal conseguiu estar presente, pela primeira vez, num Mundial de futebol, e só em 1984 chegou a uma fase final de um Europeu.

Portanto, justifica-se o heroísmo com que foram classificados os jogadores de 1928, com

► Uma goleada contra Espanha obrigou a repensar a estrutura

tão boa participação nos Jogos Olímpicos. Depois disso, poder-se-ia pensar que viriam mais participações, mas tal não aconteceu. O país, e a seleção, por consequência, passaram por uma década de 30 muito conturbada, com afastamento prematuro de muitos dos melhores jogadores e uma goleada (0-9) traumática, frente à Espanha, que obrigou a repensar toda a estrutura.

Na década seguinte, a moral do futebol português foi um pouco restaurada, com a primeira vitória frente à Espanha reconhecida pela FIFA, mas uma nova goleada (0-10) ante a Inglaterra repôs o estado “de desgraça”, de tal forma que todos os jogadores intervenientes no jogo foram depois interrogados pela PIDE...

Neste cenário, era difícil que o futebol português recebesse um convite para participar nos Jogos Olímpicos. Tudo começou a mudar na década de 60, com as conquistas europeias de Benfica e Sporting, e a histórica participação da seleção no Mundial de 1966. Mudava a imagem, mas os resultados apenas viriam após a revolução de 1974, com as participações no Europeu de 1984 e no Mundial de 1986, a que se seguiram as conquistas das selecções jovens a partir de finais da década.

Foi aqui, com a consolidação do futebol juvenil, que Portugal pôde voltar a sonhar ter o seu futebol representado nos Jogos Olímpicos, porque agora a qualificação passava a ser garantida através do Europeu de sub-21. Foi assim que, em 1996, assegurou o regresso à grande competição: nesse Europeu, a equipa lusitana chegaria aos quartos-de-final mas, apurando-se os cinco primeiros classificados para os Jogos Olímpicos, Portugal foi, juntamente com a Hungria, uma das duas melhores seleções das derrotadas no *playoff*, juntando-se aos três primeiros do Europeu (França, Itália e Espanha). Assim, 68 anos depois, o futebol português estava de regresso aos Jogos Olímpicos: Atlanta 1996.

À BEIRA DA MEDALHA

Portugal não fez por menos: correspondendo ao bom Europeu de sub-21, a seleção olímpica conseguiu a melhor classificação, até hoje, neste “mini-torneio” mundial: o quarto lugar. A medalha falhou por pouco, mas era difícil melhor: eliminada pela Argentina nas meias-finais, a representação lusa perdeu, no jogo para os terceiro e quarto lugares, com o



Promessa. Cristiano Ronaldo estava na equipa que disputou o título olímpico em Atenas 2000.

poderoso Brasil de Bebeto e Ronaldo.

Entre esses heróis portugueses estavam muitos nomes hoje bem conhecidos no futebol nacional: Nuno Espírito Santo, novo treinador do FC Porto; Rui Jorge, atual responsável pela seleção olímpica; Dani, hoje comentador televisivo; Sérgio Conceição, ex-treinador do Vitória de Guimarães; e Nuno Gomes, ex-avançado, agora diretor-geral do Centro de Formação do Benfica. Houve muitos outros, incluindo o guarda-redes Paulo Morais, que recentemente voltou a ser notícia devido às dificuldades financeiras que atravessa, que levaram à organização de um jogo de solidariedade por parte de um grupo de amigos, muitos deles parceiros na aventura de 1996.

Certo é que, uma vez consumado o regresso em 1996, o futebol português conseguiu, finalmente, tornar mais regular a sua presença nos Jogos. Falhou em 2000, mas em 2004 regressou, em Atenas, com uma equipa cheia de

jovens talentos, em que se destacava Cristiano Ronaldo, mas também nomes como Bruno Alves, Hugo Viana, Raul Meireles, Danny ou Hugo Almeida. Foi, porém, uma participação para esquecer, a pior das três: apenas uma vitória, e o último lugar no grupo.

Como nunca foi fácil o apuramento para os Jogos Olímpicos, feito através do Europeu de sub-21, Portugal ainda falhou os eventos de 2008 e 2012, logrando agora o regresso, mercê de uma extraordinária participação europeia, na qual chegou à final, apenas soçobrando no desempate por penáltis ante a Suécia.

Assim, é como vice-campeão europeu que Portugal se apresentará no Rio 2016: um estatuto inédito, capaz de tornar a seleção nacional pela primeira vez uma das favoritas às medalhas. Mais candidata do que em 1996, conseguirá a representação lusitana uma melhor classificação? Argentina, Argélia e Honduras serão os adversários, os argentinos por terem vencido

o campeonato sul-americano de sub-20, as Honduras por terem sido vice-campeãs da CONCACAF, e a Argélia por ter sido finalista no campeonato de sub-23 da CAF.

A AMEAÇA DOS VETOS

Falta saber, porém, em que condições a seleção portuguesa se apresentará nos Jogos Olímpicos. Portugal... e os outros. É que, de uma forma ainda não oficial, já se fala de algumas ausências de jogadores influentes, por recusa dos clubes em cederem os atletas para os Jogos. A questão também se coloca em Portugal, mas falta saber que ausências, em concreto, se verificarão. “Temos tido alguns contactos com os clubes, mas é ainda uma fase muito precoce para termos certezas. Os plantéis dos clubes ainda não estão totalmente definidos, ainda não se sabe em que clubes estarão alguns dos jogadores que estão pré-convocados. Ainda é muito cedo para conseguirmos definir aqueles

com quem vamos poder contar”, admitiu, em junho, o selecionador Rui Jorge, em declarações ao jornal digital *Observador*.

A questão vem mais uma vez sublinhar o caráter secundário do torneio de futebol dos Jogos Olímpicos, pelo menos aos olhos da FIFA, que é a instituição que gere e coordena o futebol mundial. Pelos regulamentos, os clubes não podem negar a cedência de jogadores às seleções, mas isso só se aplica aos jogos calendarizados pela FIFA, e os do torneio olímpico deste ano, que se disputa entre 3 e 20 de agosto, não estão incluídos no calendário oficial da FIFA... Por isso, os clubes não são obrigados a ceder jogadores com os quais contarão, nessa altura, para as suas competições. Basta lembrar que a 7 de agosto se disputa a Supertaça, entre Benfica e Sporting de Braga; que o campeonato nacional deve iniciar-se a 12 e que a 16 ou 17 o FC Porto terá a primeira mão da pré-eliminatória da Liga dos Campeões...



Ronaldo e Neymar entre os astros

Por diversas contingências, alguns dos maiores jogadores da história do futebol mundial nunca passaram pelos Jogos Olímpicos: nem Pelé, nem Eusébio, nem Maradona, nem Messi. Desse lote restrito, uma das exceções é, porém, o nosso Cristiano Ronaldo, que esteve nos Jogos de Atenas 2000. A outra é o brasileiro Neymar (na foto), que esteve em Londres 2012 e tudo indica voltará a estar este ano, no evento do Rio. Outros grandes nomes deram nas vistas: Carlos Tevez (Argentina), Dobrovolski (União Soviética), Puskas (Hungria), Michel Platini (França) ou Romário (Brasil). Acrescente-se que um jogador português tem também um lugar especial no rol de curiosidades do torneio: Calado tornou-se, em 1996, o primeiro autor do chamado “golo de ouro”, ao converter um penálti, aos 105 minutos, frente à França! Portugal venceu por 2-1 e seguiu em frente, num torneio em que chegaria às meias-finais. Ainda há mais: Vítor Silva, um dos heróis da participação lusitana em 1928, marcou o golo 400 da competição, frente ao Egito.

O próprio presidente do Comité Olímpico Português, José Manuel Constantino, abordou o assunto, em declarações à Antena 1, em junho: “Facilitaria se a FIFA alterasse o comportamento que tem tido. Mantendo esse comportamento, agrava e cria dificuldades. Os clubes investem na aquisição de jogadores e precisam deles. Confio que a federação e o selecionador encontrarão soluções com os clubes.”

Portanto, a maravilhosa seleção de sub-21 que foi vice-campeã europeia da categoria corre o risco de se apresentar no Brasil desfalcada, de uma forma que talvez comprometa a ambição de lutar por uma medalha olímpica. Mais uma vez, fica patente, neste episódio, o condicionalismo que tem marcado o torneio de futebol dos Jogos, mostrando uma realidade indesejável: se ser campeão olímpico é o máximo, o topo da escala, em qualquer modalidade, no futebol não é.

J.S.